

BOLETIM

Hortigranjeiro

VOLUME 12. Número 3. Março de 2026



Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento

João Edegar Pretto

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretor-Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Arnoldo Anacleto de Campos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Silvio Isoppo Porto

Superintendente de Gestão da Oferta (Sugof)

Candice Mello Romero Santos

Gerente de Produtos Hortigranjeiros (Gehor)

Flávia Machado Starling Soares

Equipe Técnica do Boletim

Aníbal Teixeira Fontes

Fernando Chaves Almeida Portela

Juliana Martins Torres

Newton Araújo Silva Junior

Sabrina Lima de Assis

Copyright © 2026 - Companhia Nacional de Abastecimento - Conab

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Depósito Legal junto à Biblioteca Josué de Castro

Disponível em: www.conab.gov.br

ISSN 2445-5860

Supervisão:

Candice Mello Romero Santos

Coordenação Técnica:

Flávia Machado Starling Soares

Responsáveis Técnicos:

Aníbal Teixeira Fontes

Fernando Chaves Almeida Portela

Juliana Martins Torres

Newton Araújo Silva Junior

Sabrina Lima de Assis

Colaboradores: Centrais de Abastecimento do Brasil - CEASAS Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento - ABRACEN

Editoração e layout: Superintendência de Marketing e Comunicação - Sumac / Gerência de Eventos e Promoção Institucional - Gepin

Fotos: Alexander Lesnitsky, Ernesto Rodriguez, Holger Grybsch, Varintorn Katawong, Robert Owen Wahl, Capri23auto, Obodai26, PublicDomainPictures, Bru-nO, FruitnMore por Pixabay

Normalização:

Thelma Das Graças Fernandes Sousa CRB-1/1843

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Boletim Hortigranjeiro**, Brasília - DF, v. 12, n. 01, janeiro, 2026.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737b Companhia Nacional de Abastecimento.
Boletim Hortigranjeiro / Companhia Nacional de Abastecimento.
- v.1, n.1 (2015-). - Brasília : Conab, 2015-
v.
Mensal
Disponível em: www.conab.gov.br.
ISSN: 2446-5860
1. Produto Hortigranjeiro. 2. Produção Agrícola. I. Título.

CDU 633/636(05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/184

SUMÁRIO

Apresentação	05
Análise das Hortaliças	06
Alface	07
Batata.....	09
Cebola.....	11
Cenoura	13
Tomate	15
Análise das Frutas	17
Banana	18
Laranja	20
Maçã	22
Mamão	24
Melancia	26
Mercado Internacional de Hortigranjeiros	28
Destaques das Centrais de Abastecimento	31

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) publica, neste mês de março, o Boletim Hortigranjeiro nº 3 – Volume 12, no âmbito do Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro (Prohort). A publicação analisa a comercialização de frutas e hortaliças nos principais entrepostos públicos do país, importantes canais de abastecimento de produtos in natura.

A análise mensal contempla os produtos com maior representatividade nas Centrais de Abastecimento (Ceasas) e maior peso no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA): alface, batata, cebola, cenoura, tomate, banana, laranja, maçã, mamão e melancia.

Os dados utilizados foram coletados nas Ceasas localizadas em São Paulo/SP, Belo Horizonte/MG, Rio de Janeiro/RJ, Campinas/SP, Vitória/ES, Curitiba/PR, Goiânia/GO, Florianópolis/SC, Recife/PE, Fortaleza/CE e Rio Branco/AC, que, em conjunto, concentram parcela expressiva da comercialização nacional de hortigranjeiros.

Além dos produtos analisados regularmente, o Boletim destaca outros itens relevantes para o consumo alimentar que apresentam variações significativas de preços, oferecendo alternativas aos consumidores e agentes de mercado. Nesta edição, a seção Destaques das Ceasas aborda o tema “Considerações sobre o uso da cadeia do frio em frutas e hortaliças segunda parte”.

O Prohort, coordenado pela Conab, tem como pilares a coleta, sistematização e divulgação de informações de mercado, permitindo o acompanhamento de preços, volumes, origens, séries históricas e análises técnicas do setor hortigranjeiro. Os dados são coletados pelas Ceasas, validados pelos entrepostos e consolidados pela equipe técnica da Conab, sendo disponibilizados ao público no portal do Programa.

Os preços médios apresentados correspondem à média ponderada pela quantidade comercializada. Atualmente, a base de dados Conab/Prohort reúne informações de 117 frutas e 123 hortaliças, abrangendo mais de mil produtos considerando suas variedades.

ANÁLISE DAS HORTALIÇAS

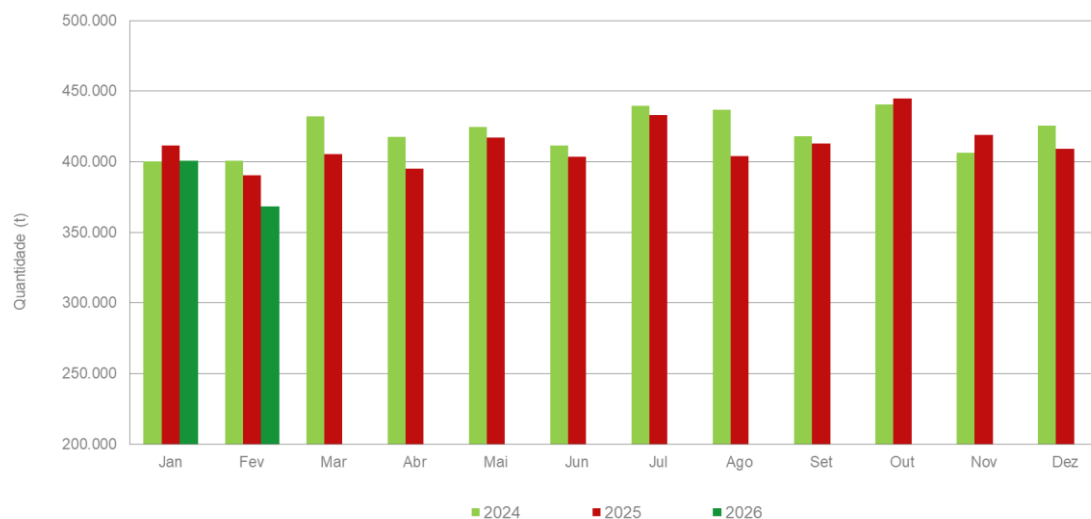
O volume total de hortaliças comercializadas nas Ceasas analisadas apresentou queda de 8,1% em fevereiro em relação a janeiro. Na comparação com fevereiro de 2025, a redução foi de 5,6%, enquanto, em relação a fevereiro de 2024, também houve recuo de 8,1% no total comercializado.

O grupo de hortaliças raiz, bulbo, tubérculo e rizoma segue como o de maior representatividade, respondendo por quase 60% do volume total. Esse segmento apresentou decréscimo de 10,6% em relação a janeiro, sendo o principal responsável pela retração geral. Dentro desse grupo, destaca-se a batata, que concentra cerca de 50% do volume comercializado.

O subgrupo hortaliças fruto registrou queda de 5,7%, com o tomate representando aproximadamente 45% do total. Já o subgrupo hortaliças folha, flor e haste teve retração de 2,9%, com o repolho respondendo por quase metade do volume.

Já o subgrupo de hortaliças fruto registrou queda de 5,7% na comparação com janeiro, tendo o tomate como principal produto, com aproximadamente 45% do total. Por sua vez, o subgrupo de hortaliças folha, flor e haste apresentou retração de 2,9%, com destaque para o repolho, que responde por quase metade do volume comercializado nesse segmento.

Gráfico 1 — Quantidade de hortaliças comercializadas nas Ceasas em 2024, 2025 e 2026.



Fonte: Conab/Ceasas



ALFACE

A alface voltou a registrar alta em fevereiro. Desta vez, porém, o aumento foi bem mais moderado em comparação ao observado em janeiro, quando a média dos preços avançou 36,56%. No mês analisado, a elevação foi de apenas 2,02%. Apesar desse comportamento mais contido na média, algumas Ceasas apresentaram aumentos expressivos. Na CeasaMinas – Belo Horizonte, a alta chegou a 51,14%; na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro, foi de 42,85%; e na Ceasa/ES – Vitória, o incremento atingiu 85,59%.

É importante destacar que essa variação entre as Centrais de Abastecimento é comum no caso da alface, uma vez que o mercado é, em grande parte, abastecido pela produção regional, o que intensifica as diferenças de preços entre as Ceasas.

A oferta total nas onze Ceasas analisadas apresentou decréscimo de 7% em relação a janeiro. Essa variação negativa refletiu-se nos preços, contribuindo para a alta média mencionada anteriormente. No entanto, a comercialização em cada Ceasa apresentou comportamentos distintos, resultando em elevações expressivas em alguns mercados. É o caso da CeasaMinas – Belo Horizonte, onde houve queda de 33% na comercialização, e da Ceasa/RJ – Rio de Janeiro, com redução de 13%. Em ambas, os preços registraram aumentos significativos.

O cenário observado em fevereiro repete o padrão verificado em janeiro e dezembro de 2025. As chuvas nas regiões produtoras, além de dificultarem a colheita, provocaram perdas no campo e comprometeram a qualidade dos produtos. Além disso, restringiram os plantios e influenciaram a oferta futura. Soma-se a isso o aumento da demanda, impulsionada pelo calor típico desse período, o que também contribuiu para a pressão de alta nos preços.

Gráfico 2 — Preços médios (R\$/Kg) da alface nos entrepostos selecionados.

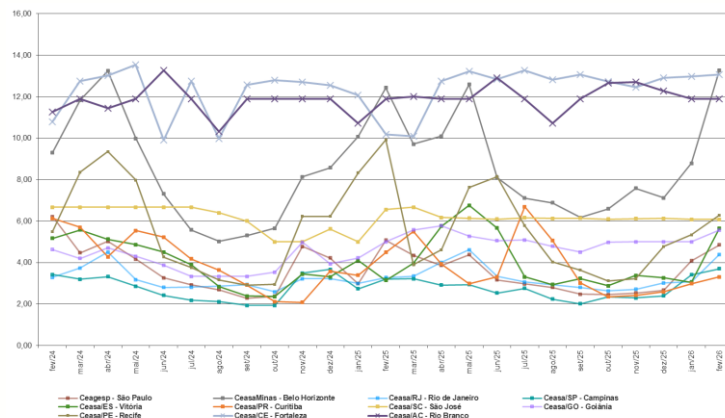
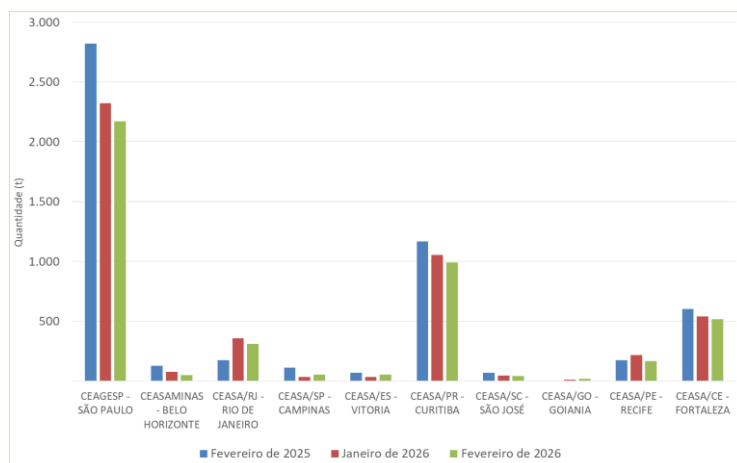
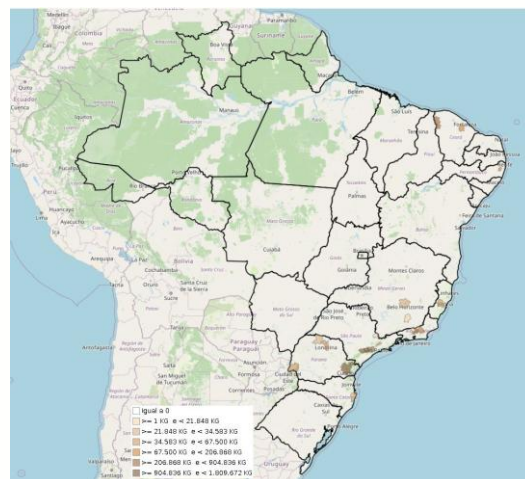


Gráfico 3 — Quantidade de alface comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre fevereiro de 2025, janeiro de 2026 e fevereiro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Figura 1 — Principais microrregiões do país que forneceram alface para as Ceasas em fevereiro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 1 — Quantidade ofertada de alface para as Ceasas por unidade de federação em fevereiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SP	2.224.160
PR	991.235
CE	516.550
RJ	310.011
PE	165.709
MG	54.683
ES	54.080
SC	42.131
GO	18.174
RS	1.352
AC	690
Soma	4.378.775

Microrregião	Quantidade Kg
PIEDADE-SP	1.809.671
CURITIBA-PR	1.066.674
IBIAPABA-CE	409.530
SERRANA-RJ	333.027
ITAPECERICA DA SERRA-SP	206.868
VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE	165.709
MOGI DAS CRUZES-SP	127.153
NOVA FRIBURGO-RJ	72.246
BATURITÉ-CE	67.500
SANTA TERESA-ES	47.874
GUARULHOS-SP	47.528
FOZ DO IGUAÇU-PR	39.346
LONDRINA-PR	34.583
BELO HORIZONTE-MG	29.823
FLORIANÓPOLIS-SC	27.199
ASTORGA-PR	23.160
PORECATÚ-PR	21.848
AMPARO-SP	20.711
BARBACENA-MG	16.474
TRÊS RIOS-RJ	15.876

Em março, as condições para a alta de preços permaneceram presentes no mercado. As chuvas continuaram prejudicando a produção, enquanto o calor, além de afetar a qualidade das folhosas, contribuiu para o aumento do consumo. Nesse contexto, o início do mês foi marcado pela continuidade da elevação dos preços. Como exemplo, na Ceagesp – São Paulo, a média de março registrou alta de 4%, enquanto na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro o aumento foi mais expressivo, atingindo 10%.

São Paulo segue como o principal produtor nacional, responsável por cerca de 50% da oferta destinada às Ceasas. Dentro do estado, destacou-se a microrregião de Piedade como a principal produtora, seguida pela microrregião de Mogi das Cruzes, que também possui grande relevância no abastecimento nacional, especialmente para a Ceagesp – São Paulo e a Ceasa/SP – Campinas.

Tabela 2 — Quantidade ofertada de batata para as Ceasas por unidade de federação, fevereiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
PR	37.756.884	GUARAPUAVA-PR	19.000.546
MG	22.759.344	SEABRA-BA	13.709.940
BA	14.123.440	POUSO ALEGRE-MG	10.165.675
RS	8.832.675	VACARIA-RS	8.151.530
SC	4.028.945	PALMAS-PR	7.930.975
SP	3.611.362	ARAXÁ-MG	7.860.060
SE	367.100	SÃO MATEUS DO SUL-PR	6.301.700
GO	322.550	JOAÇABA-SC	3.256.750
RJ	147.330	PRUDENTÓPOLIS-PR	3.224.250
PE	30.500	BELO HORIZONTE-MG	1.845.616
AL	18.000	CURITIBA-PR	1.620.538
CE	18.000	SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	1.550.775
RN	18.000	POÇOS DE CALDAS-MG	1.508.325
ES	2.750	LAPA-PR	1.292.525
Soma	92.036.880	UBERABA-MG	1.173.825
		XANXERÊ-SC	778.075
		PIEDADE-SP	739.725
		SANTA RITA DO SAPUCAÍ-MG	515.475
		UNIÃO DA VITÓRIA-PR	488.000
		IRATI-PR	398.375

Fonte: Conab/Ceasas

O pico da safra das águas aparentemente já ocorreu nos dois primeiros meses do ano. Diante desse cenário, as previsões para março indicam redução da oferta e continuidade da alta de preços, movimento já observado neste início de mês. Como exemplo, na Ceagesp – São Paulo houve alta de 10%, na CeasaMinas – Belo Horizonte o aumento foi de 3% e na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro o incremento atingiu 4%.

No Nordeste, as elevações foram ainda mais expressivas, com destaque para a Ceasa/PE – Recife e a Ceasa/CE – Fortaleza, onde as altas giraram em torno de 85% na comparação com a média de fevereiro.



CEBOLA

Em fevereiro, houve queda nos preços da cebola. Na média ponderada, o recuo foi de 5,52% em relação à média de janeiro, sendo menos intenso do que o observado no mês anterior, quando a queda havia sido de 11,01%. Diferentemente de janeiro, quando o movimento foi generalizado, em fevereiro houve variações entre as Ceasas. As reduções oscilaram entre 1,51% na Ceasa/PR – Curitiba e 23,31% na Ceasa/SC – São José. Por outro lado, a Ceagesp – São Paulo, principal mercado em volume comercializado no país, registrou alta de 1,99%, assim como a Ceasa/SP – Campinas (+8,53%) e a Ceasa/AC – Rio Branco (+18,95%).

A comercialização nas Ceasas manteve cenário semelhante ao de janeiro, com incremento da oferta proveniente de Santa Catarina, que cresceu cerca de 5% em relação ao mês anterior. Esse estado consolidou-se como o principal fornecedor, sendo o único entre os grandes produtores a ampliar os envios. Em contrapartida, as remessas do Paraná caíram 39,1%, enquanto as do Rio Grande do Sul recuaram de forma ainda mais acentuada, próxima de 80%.

As ofertas do Nordeste, Goiás e Minas Gerais permaneceram reduzidas. Nesse contexto, a participação estadual seguiu com forte predominância de Santa Catarina, responsável por 76% do volume comercializado, enquanto o Paraná representou apenas 7%, entre os principais estados. Dessa forma, a queda de preços não pode ser atribuída ao volume comercializado nas Ceasas, que, na verdade, apresentou redução de 10%. O fator determinante foi a qualidade da cebola catarinense, que se deteriorou ao longo do mês, especialmente na segunda quinzena. Isso ocorreu devido ao maior tempo de armazenagem, já que a safra estava praticamente toda colhida e os envios foram retardados à espera de melhores preços.

Gráfico 6 — Preços médios (R\$/Kg) da cebola nos entrepostos selecionados.

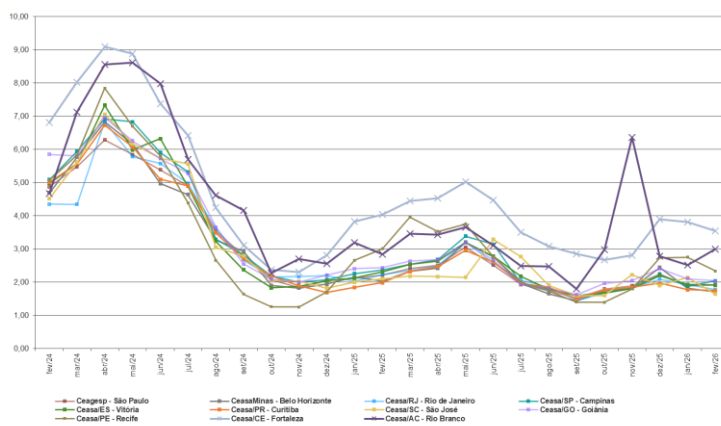


Gráfico 7 — Quantidade de cebola comercializada nos entrepostos no comparativo entre fevereiro de 2025, janeiro de 2026 e fevereiro de 2026.

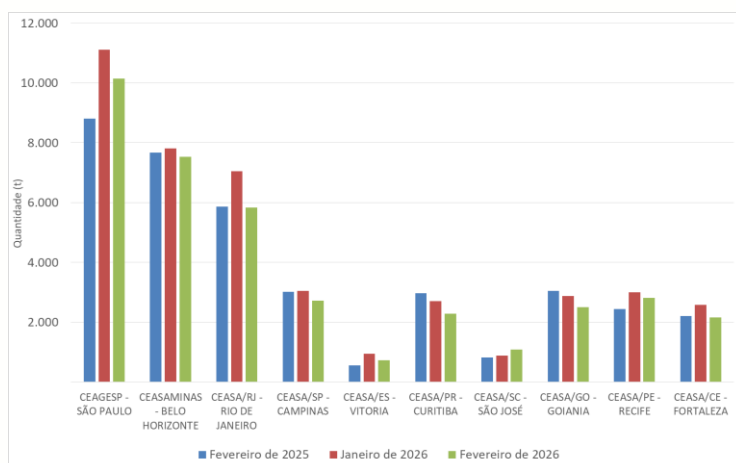
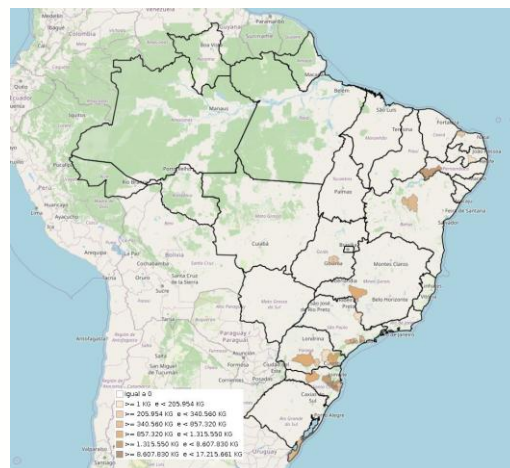


Figura 3 — Principais microrregiões do país que forneceram cebola para as Ceasas , em fevereiro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 3 — Quantidade ofertada de cebola para as Ceasas por unidade de federação, fevereiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SC	29.000.799
PR	2.593.020
PE	1.704.500
SP	1.305.193
MG	1.145.640
RS	727.980
BA	437.360
RN	289.000
PB	226.700
GO	218.560
CE	200.000
RJ	37.680
NI	32.000
ES	11.094
Soma	37.929.526

Microrregião	Quantidade Kg
ITUPORANGA-SC	17.215.660
RIO DO SUL-SC	7.089.765
TABULEIRO-SC	3.048.160
PETROLINA-PE	1.681.500
TIJUCAS-SC	1.315.550
GUARAPUAVA-PR	1.304.400
JOAÇABA-SC	1.078.830
CURITIBA-PR	969.580
ARAXÁ-MG	857.320
PIEDADE-SP	672.780
LITORAL LAGUNAR-RS	432.860
SÃO PAULO-SP	345.113
IRECÊ-BA	340.560
MOSSORÓ-RN	289.000
IRATI-PR	252.000
GOIÂNIA-GO	216.300
FLORIANÓPOLIS-SC	205.954
SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	195.780
PONTA GROSSA-PR	187.100
CARIRI ORIENTAL-PB	183.700

Em março, com o encerramento da colheita em Santa Catarina e a redução dos estoques, observou-se um cenário de elevação das cotações. Embora a qualidade tenha atuado como fator negativo, ela pode não ser suficiente para provocar novas quedas. Esse comportamento já se confirmou na primeira quinzena do mês, com altas registradas na maioria das Ceasas. Na Ceagesp – São Paulo, por exemplo, a elevação foi de quase 50%; na Ceasa/PE – Recife, de 14%; e na Ceasa/PR – Curitiba, de 38%, todas em relação à média de fevereiro.

A microrregião de Ituporanga seguiu como principal polo ofertante de Santa Catarina, respondendo por cerca de 60% das remessas estaduais.

Com o fim da colheita no estado, dados da EPAGRI/SC, indicaram que a safra 2025/26 foi 8,14% superior à de 2024/25. Esse aumento de produção influenciou os preços, que permaneceram abaixo dos custos de produção ao longo da safra. Em fevereiro, inclusive, foi registrada nova queda no preço ao produtor catarinense, de 8,85% para a cebola pera. Por fim, as importações ainda não ganharam espaço significativo no mercado nacional, uma vez que, até o momento, não apresentam rentabilidade suficiente para entrada em maiores volumes.



CENOURA

Após sucessivos aumentos desde dezembro de 2025, o preço voltou a cair em fevereiro. No entanto, a redução foi pequena, de apenas 1,23% na média ponderada em relação a janeiro. Esse movimento não foi uniforme entre as Ceasas. Houve aumento de preços na Ceagesp – São Paulo (+4,36%), na Ceasa/GO – Goiânia (+3,83%) e na Ceasa/SC – São José (+37,38%), enquanto nas Ceasas do Nordeste, como Fortaleza/CE e Recife/PE, predominou a estabilidade. Entre as que registraram queda, a variação ficou entre 1,55% na Ceasa/SP – Campinas e 9,73% na CeasaMinas – Belo Horizonte. De modo geral, os preços em 2026 permaneceram abaixo dos praticados em 2025, tanto em janeiro quanto em fevereiro.

Em relação à oferta, houve pequena redução de 5,6% frente a janeiro, insuficiente para sustentar alta generalizada nos preços. As chuvas frequentes nas regiões produtoras reduziram o ritmo de colheita, o que tenderia a valorizar os preços; porém, ao mesmo tempo, prejudicaram a qualidade do produto, exercendo efeito contrário sobre as cotações. Esse cenário foi observado, por exemplo, em Minas Gerais, especialmente na região de São Gotardo, onde as chuvas intensas reduziram a oferta, mas também comprometeram a qualidade da raiz.

Ao final do mês, no entanto, o cenário começou a mudar na CeasaMinas – Belo Horizonte, com a menor oferta passando a pressionar os preços para cima. A cenoura iniciou fevereiro sendo comercializada a R\$1,75/kg, atingiu R\$2,00 no dia 23 e encerrou o mês a R\$2,75/kg. Apesar dessa alta concentrada no segundo decêndio, o movimento não foi suficiente para gerar variação positiva na média mensal. Quanto à origem da oferta, Minas Gerais respondeu por cerca de 40% do abastecimento das Ceasas, seguido por São Paulo, com 28%, Goiás com aproximadamente 10% e Bahia com 6%.

Gráfico 8 — Preços médios (R\$/Kg) da cenoura nos entrepostos selecionados.

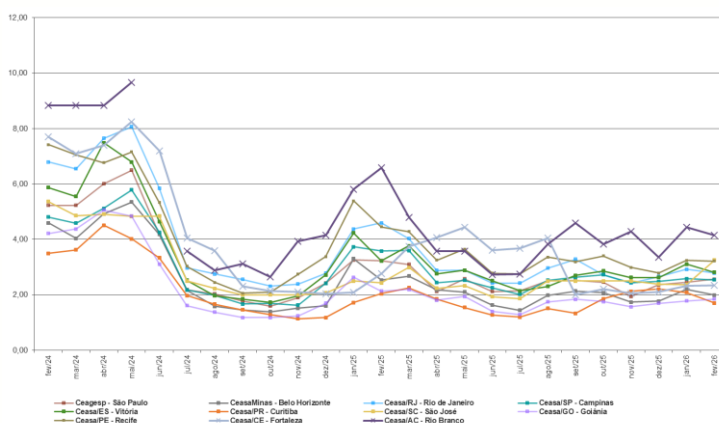


Gráfico 9 — Quantidade de cenoura comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre fevereiro de 2025, janeiro de 2026 e fevereiro de 2026.

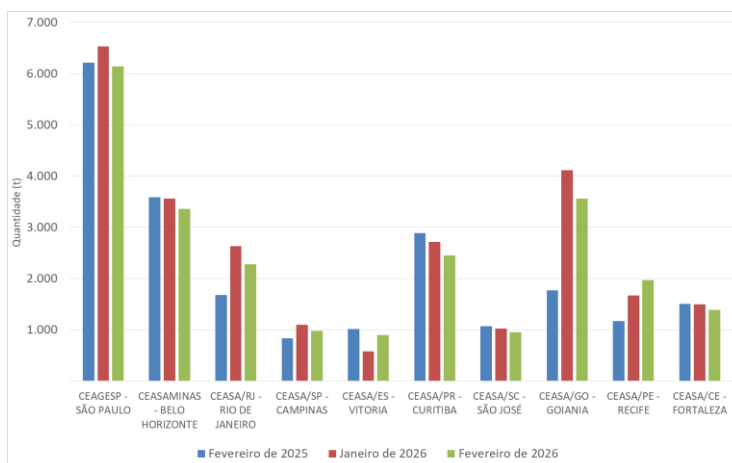
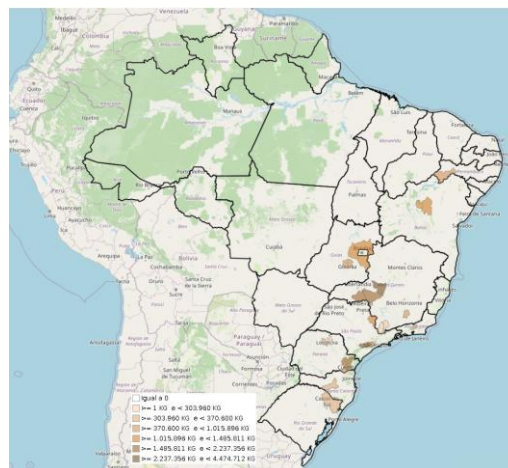


Figura 4 — Principais microrregiões do país que forneceram cenoura neste Boletim, em fevereiro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 4 — Quantidade ofertada de cenoura para as Ceasas por unidade de federação, fevereiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
MG	9.607.028	PIEDADE-SP	4.474.711
SP	6.783.060	PATOS DE MINAS-MG	4.434.751
GO	2.219.057	UBERABA-MG	2.181.214
PR	2.042.711	CURITIBA-PR	1.573.493
BA	1.398.816	ARAXÁ-MG	1.485.811
SC	637.757	ENTORNO DE BRASÍLIA-GO	1.356.377
RS	428.446	IRECÊ-BA	1.221.816
PE	406.020	SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	1.020.988
RJ	323.440	ITAPECERICA DA SERRA-SP	1.015.896
ES	129.035	BARBACENA-MG	948.730
PB	13.000	GOIÂNIA-GO	725.298
CE	4.000	RIO NEGRO-PR	584.695
NI	2.320	PETROLINA-PE	370.600
Soma	23.994.690	APUCARANA-PR	345.120
		VACARIA-RS	321.126
		SERRANA-RJ	304.480
		CURITIBANOS-SC	303.960
		SANTA RITA DO SAPUCAÍ-MG	256.220
		POUSO ALEGRE-MG	172.120
		ASSAÍ-PR	164.000

O movimento de alta de preços observado no final de fevereiro na maioria das Ceasas se repetiu no início de março, com destaque para Minas Gerais, principal produtor nacional. Na CeasaMinas – Belo Horizonte, por exemplo, os preços que encerraram fevereiro em R\$2,75/kg atingiram R\$3,25/kg na metade de março.

Na média do mês, a variação positiva nessa Ceasa chegou a 65%. Em outros mercados relevantes, como a Ceagesp – São Paulo, o aumento foi de 50%, enquanto na Ceasa/PR – Curitiba atinge 38%. No Nordeste, o comportamento também foi de alta, possivelmente refletindo o cenário observado em Minas Gerais. Na Ceasa/CE – Fortaleza, a elevação foi de 18%, e na Ceasa/PE – Recife, de 14%.



TOMATE

O tomate voltou a registrar alta em fevereiro. No entanto, o aumento foi mais moderado em comparação a janeiro, quando a média dos preços havia avançado 9,46%. No mês analisado, a elevação foi de 5,20%. Em duas Ceasas, os aumentos foram mais expressivos: na Ceasa/PE – Recife, a alta chegou a 72,27%, enquanto na Ceasa/ES – Vitória o incremento foi de 28,70%. Por outro lado, houve recuo de preços na Ceagesp – São Paulo (-3,47%), na CeasaMinas – Belo Horizonte (-8,0%), na Ceasa/SP – Campinas (-22,86%) e na Ceasa/AC – Rio Branco (-21,31%).

Em relação à comercialização, todas as Ceasas registraram queda frente a janeiro. O maior recuo ocorreu na Ceasa/ES – Vitória, com redução de 32%, refletindo diretamente nos preços. No total, o volume comercializado diminuiu 7,6%. Esse cenário esteve associado ao esgotamento das áreas em ponto de colheita, após a elevada oferta observada nos últimos três meses do ano anterior, quando os volumes atingiram os maiores níveis de 2025. Assim, tanto em janeiro quanto em fevereiro, a redução da oferta contribuiu para a elevação dos preços médios ponderados. A transição após o pico da safra de verão também vem reduzindo a produção e, conseqüentemente, a oferta. No caso do tomate, por se tratar de um produto altamente perecível, o escoamento ao mercado ocorre de forma quase imediata após a colheita, aumentando o risco de perdas pós-colheita.

Os menores envios provenientes de Minas Gerais, com queda de 18,4%, tiveram papel importante na redução da oferta. A diminuição da oferta de Goiás (-21,9%) também contribuiu para esse cenário. Quanto à participação no total comercializado, São Paulo liderou com 37,9%, seguido por Minas Gerais (13,6%), Santa Catarina (13,5%) e Goiás (12,9%).

Gráfico 10 — Preços médios (R\$/Kg) do tomate nos entrepostos selecionados.

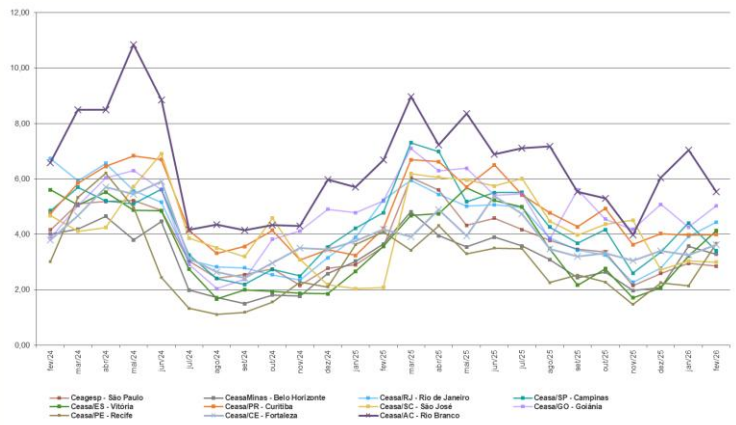


Gráfico 11 — Quantidade de tomate comercializado no comparativo entre fevereiro de 2025, janeiro de 2026 e fevereiro de 2026.

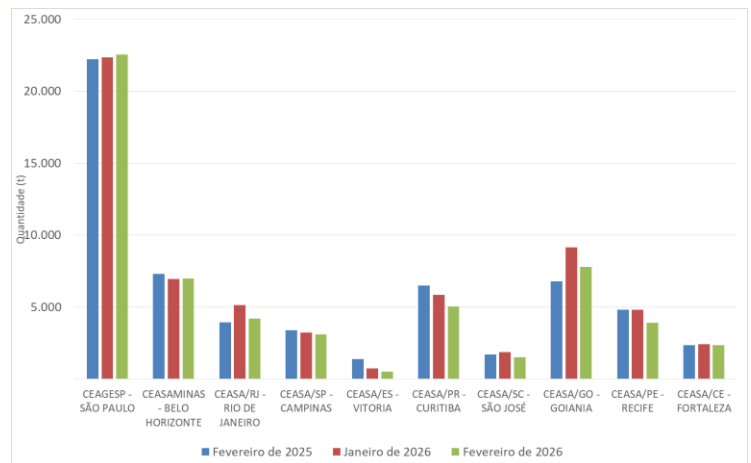
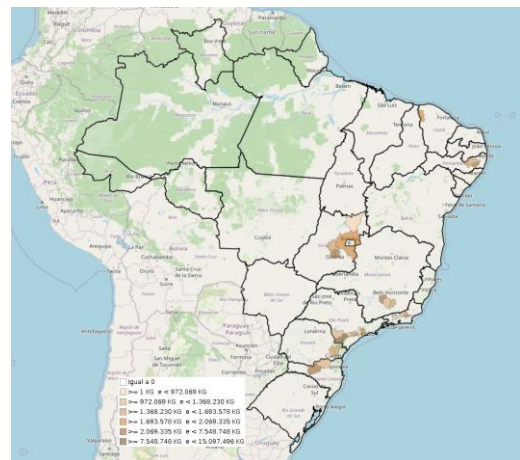


Figura 5 — Principais microrregiões do país que forneceram tomate em fevereiro de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 5 — Quantidade ofertada de tomate por unidade de federação, fevereiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
SP	22.141.437	CAPÃO BONITO-SP	15.097.495
MG	7.872.257	JOAÇABA-SC	6.107.126
SC	7.861.076	GOIÂNIA-GO	3.082.183
GO	7.494.976	OLIVEIRA-MG	2.982.010
PE	3.732.584	BREJO PERNAMBUCANO-PE	2.069.335
RJ	2.293.942	NOVA FRIBURGO-RJ	2.020.982
PR	2.269.174	SÃO PAULO-SP	1.958.753
CE	2.263.550	IBIAPABA-CE	1.854.400
ES	1.253.403	ENTORNO DE BRASÍLIA-GO	1.693.578
BA	573.184	CURITIBA-PR	1.660.780
RS	136.724	VALE DO IPOJUCA-PE	1.630.117
PB	92.214	ANÁPOLIS-GO	1.612.595
AL	13.080	BARBACENA-MG	1.368.230
Soma	57.997.601	ITAPEVA-SP	1.276.958
		PIEDADE-SP	1.110.777
		CANOINHAS-SC	1.019.362
		SÃO JOÃO DEL REI-MG	972.069
		CHAPADA DOS VEADEIROS-GO	939.356
		OSASCO-SP	783.036
		VASSOURAS-RJ	748.202

O movimento de alta de preços iniciado no final de fevereiro teve continuidade em março, de forma mais intensa e abrupta. Esse cenário esteve associado à redução da oferta, decorrente do encerramento da safra de verão e do início ainda incipiente da safra de inverno. Dessa forma, a escassez pontual de produto em ponto de colheita impulsionou a tendência de alta nos preços.

Como exemplo, destacou-se a Ceagesp – São Paulo, onde o preço passou de R\$3,41/kg no final de fevereiro para R\$5,36/kg no dia 11 de março. Comportamento semelhante foi observado na CeasaMinas – Belo Horizonte: o preço, que estava em R\$3,25/kg no final de fevereiro, subiu para R\$6,00/kg no primeiro dia de março e atingiu R\$6,75/kg no dia 16.

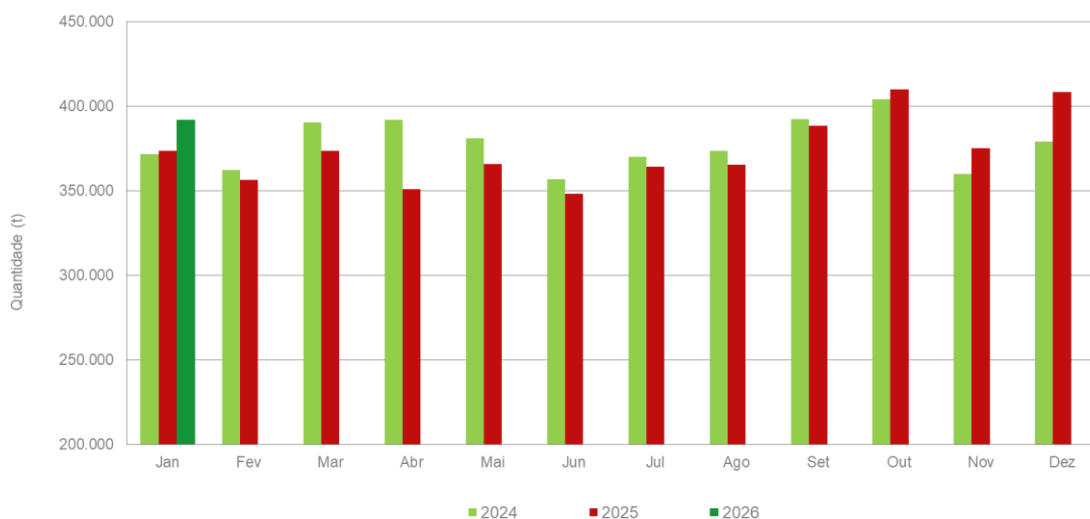
ANÁLISE DAS FRUTAS

No mês de fevereiro de 2025, o segmento das frutas comercializadas nas Ceasas apresentou queda de 8,2% em relação a janeiro, e queda de 1,1% em relação a fevereiro de 2025 e elevação de 0,9% em face do primeiro bimestre de 2025. Em relação a fevereiro de 2024, ocorreu queda de 2,1%.

A queda na comparação com o mês anterior se deveu, principalmente, à redução da comercialização moderada para todas as frutas, exceto para o mercado de maçã, em decorrência do período de safra na Região Sul, que teve aumento de 10% na oferta, enquanto a comercialização da melancia teve uma queda de 13%, por exemplo, com a redução da produção na Bahia e São Paulo.

A laranja representou, em volume, 16,1% de todas as frutas comercializadas nas Ceasas no mês (não só as cinco principais analisadas nesse boletim). O mamão teve queda da oferta de 7,52%, por causa da menor colheita da variedade papaya, em decorrência de chuvas elevadas no último trimestre de 2025 nas principais regiões produtoras, o que prejudicou a produtividade e a colheita nas principais regiões produtoras. Já o mercado de banana apresentou queda por conta da menor produção da variedade prata nas principais regiões produtoras do mês.

Gráfico 12 — Quantidade de frutas comercializadas nas Ceasas em 2024, 2025 e 2026.



Fonte: Conab/Ceasas



BANANA

Em fevereiro, para o mercado da banana, as cotações caíram na maioria das Ceasas, com destaque para a Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (-14,05%), Ceasa/SP – Campinas (-17,33%) e Ceasa/PR – Curitiba (-20,09%), com queda de 11,16% na média ponderada. Já a quantidade comercializada também caiu na maior parte dos entrepostos atacadistas, destacadamente na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (-19%), Ceasa/ES – Vitória (-25%).

O mês de fevereiro foi marcado pela volta às aulas, o que elevou a demanda por frutas. A exceção ocorreu na semana do feriado de Carnaval, em meados do mês, quando as vendas caíram na maior parte dos entrepostos atacadistas. Ainda assim, o impacto sobre os preços não foi mais intenso devido ao volume de banana adquirido pelos comerciantes junto aos produtores — especialmente da variedade nanica proveniente do norte de Santa Catarina, além da banana prata oriunda do norte de Minas Gerais e de regiões do Espírito Santo, Bahia e Ceará.

Para a banana nanica do Vale do Ribeira (SP) e a prata da Mata Setentrional Pernambucana, houve leve valorização. Dessa forma, a menor oferta no início do mês sustentou a alta dos preços. No entanto, no terço final de fevereiro, observou-se queda, em razão do desaquecimento do varejo e de um discreto aumento nas aquisições por parte dos atacadistas. As chuvas mais constantes em São Paulo e Santa Catarina, nas principais áreas produtoras, favoreceram a qualidade e o desenvolvimento das frutas, contribuindo para a elevação da produção.

Gráfico 13 — Preços médios (R\$/Kg) da banana nos entrepostos selecionados.

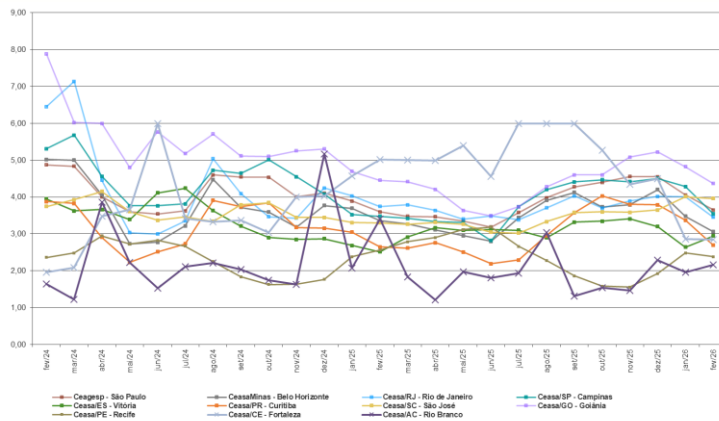


Gráfico 14 — Quantidade de banana comercializada no comparativo entre fevereiro de 2025, janeiro de 2026 e fevereiro de 2026.

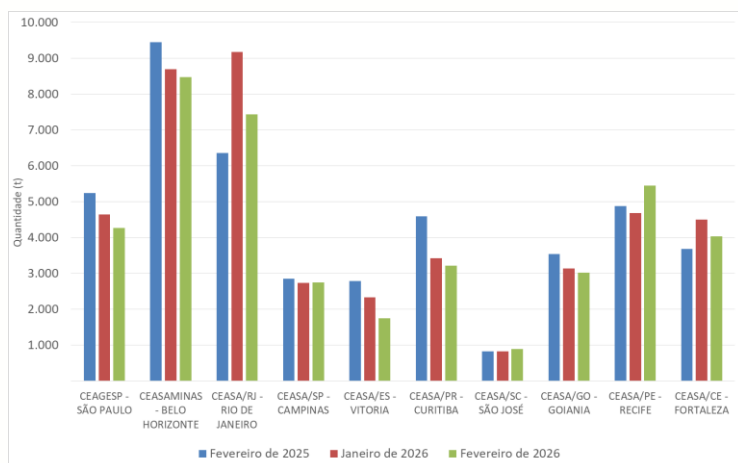


Figura 6 — Principais microrregiões do país que forneceram banana em fevereiro de 2026.



Tabela 6 — Quantidade ofertada de banana para as Ceasas por unidade de federação, fevereiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
MG	12.904.889	JANAÚBA-MG	6.591.823
PE	5.199.885	REGISTRO-SP	4.621.506
SP	5.046.828	MATA SETENTRIONAL	
ES	4.444.522	PERNAMBUCANA-PE	4.012.280
BA	3.231.661	BAIXO JAGUARIBE-CE	2.521.081
SC	2.531.072	JOINVILLE-SC	1.811.176
PR	1.470.360	BATURITÉ-CE	1.605.775
GO	1.282.425	LINHARES-ES	1.416.855
AC	353.350	BOM JESUS DA LAPA-BA	1.395.710
RN	352.300	PARANAGUÁ-PR	1.349.612
MS	29.000	ITABIRA-MG	1.130.310
RO	10.616	JANUÁRIA-MG	1.000.192
TO	150	PORTO SEGURO-BA	991.495
Soma	36.857.058	AFONSO CLÁUDIO-ES	943.439
		ANÁPOLIS-GO	843.690
		GUARAPARI-ES	842.980
		BELO HORIZONTE-MG	801.832
		MÉDIO CAPIBARIBE-PE	771.167
		SANTA TERESA-ES	731.557
		VITÓRIA-ES	673.651
		MONTES CLAROS-MG	645.966

Em relação à primeira quinzena do mês de março, os preços subiram no mercado de banana nanica na maioria das Ceasas, invertendo tendência dos meses anteriores. Já para o mercado de banana prata, as cotações não apresentaram tendência definida.

A expectativa para os meses seguintes é que no mercado de banana nanica haja estabilidade, com queda de preços possível se nenhum evento climático comprometer a produção e o preço da banana prata, principal concorrente, não diminuir muito. As cotações da banana prata devem oscilar no período, a depender da demanda e da produção e consumo nas diferentes regiões produtivas.



LARANJA

O mercado de laranja, em fevereiro, apresentou pequenas variações de preços, com preponderância de queda nas Ceasas da Região Sudeste, e queda da comercialização.

A queda das cotações se fez sentir, com maior intensidade, na Ceagesp – São Paulo (-6,43%) e Ceasa/ES – Goiânia (-15,01%), e a elevação mais preponderante foi na Ceasa/GO – Goiânia (13,12%).

Essa última Ceasa apresentou queda de 14% na comercialização, com a diminuição da produção no estado e nos recebimentos originários do cinturão citrícola. A maior parte das Ceasas do Sudeste também apresentou queda no consumo. Isso fez com que, na média ponderada geral, a queda fosse de 7%.

Já em relação ao mês anterior, a oferta nos entrepostos atacadistas permaneceu constante no cinturão citrícola, cresceu 8,2% em Sergipe e caiu 21,7% e 18,9% em Goiás e na Bahia, respectivamente.

De modo geral, a produção esteve razoável em outros estados produtores fora do cinturão citrícola, como demonstrado acima, com as indústrias absorvendo menos laranjas, e no cinturão, o mercado no atacado e varejo foi menos pressionado em relação aos meses anteriores, não tanto por causa da demanda industrial, que continuou desaquecida (ritmo de moagem menor, cumprindo contratos fechados anteriormente com os produtores e preferindo adquirir frutas faltantes no mercado à vista), mas principalmente por causa da diminuição da colheita com a chegada do fim da safra se aproximando.

Gráfico 15: Preços médios (R\$/Kg) da laranja nos entrepostos selecionados.

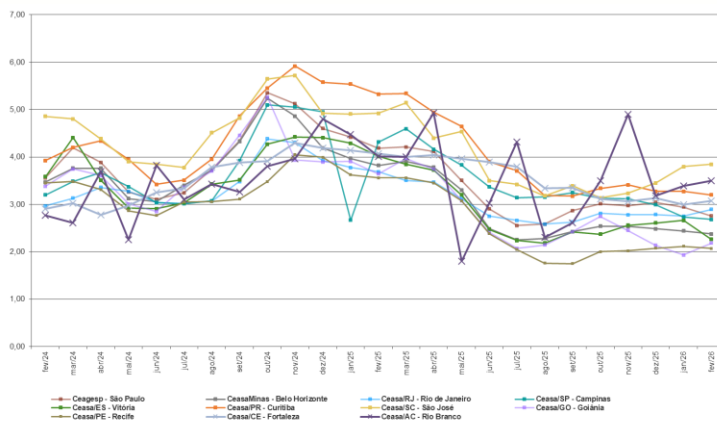


Gráfico 16 — Quantidade de laranja comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre fevereiro de 2025, janeiro de 2026 e fevereiro de 2026.

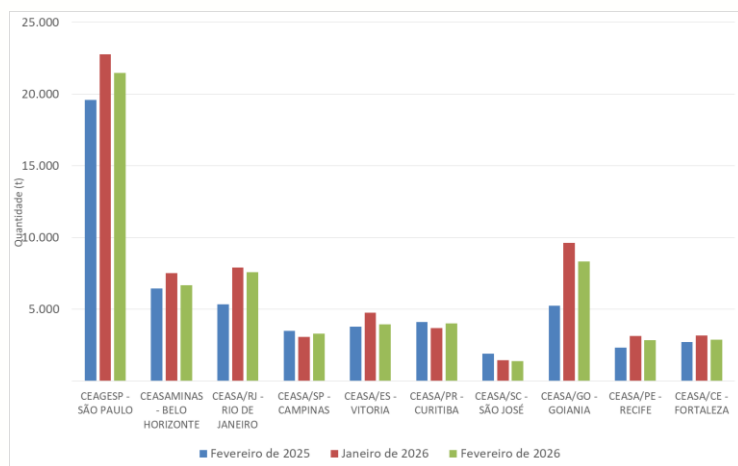


Figura 7 — Principais microrregiões do país que forneceram laranja em fevereiro 2026.



Tabela 7 — Quantidade ofertada de laranja para as Ceasas por unidade de federação, fevereiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
SP	37.169.056	LIMEIRA-SP	11.471.192
GO	8.207.804	GOIÂNIA-GO	7.990.276
SE	5.911.308	BOQUIM-SE	5.496.987
MG	4.033.717	JABOTICABAL-SP	4.388.855
BA	2.407.530	PIRASSUNUNGA-SP	3.048.832
RJ	1.810.475	MOJI MIRIM-SP	2.818.462
PR	1.546.705	JALES-SP	2.462.242
NI	873.225	ALAGOINHAS-BA	2.246.880
SC	273.052	SÃO PAULO-SP	2.110.110
AL	154.114	CAMPINAS-SP	1.917.752
CE	55.000	RIO DE JANEIRO-RJ	1.551.745
ES	23.240	SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	1.493.660
PE	4.473	FERNANDÓPOLIS-SP	1.316.888
RS	4.260	ARARAQUARA-SP	1.309.115
AC	2.300	ANDRELÂNDIA-MG	1.122.770
Soma	62.476.259	ITAPEVA-SP	911.700
		PARANAVAI-PR	896.650
		IMPORTADOS	873.225
		PIEDADE-SP	723.498
		CATANDUVA-SP	645.098

É necessário salientar que o Fundo de Defesa da Citricultura (Fundecitrus) fez um ajuste na sua estimativa de safra no cinturão citrícola: a nova previsão foi de colheita de 292,6 milhões de caixas de 40,8kg, com reajuste negativo de 0,7% em relação à estimativa anterior, mas de 26,7% maior em relação à safra 2024/25.

Em relação à primeira quinzena do mês de março, os preços permaneceram estáveis ou sem tendência definida. Essa dinâmica deve permanecer nos próximos meses, com possíveis oscilações, mas com leve tendência à elevação, uma vez que a safra no cinturão citrícola está reduzida e nos outros estados também tende a passar por diminuição.



MAÇÃ

No mês em questão ocorreram quedas nas cotações em todas as centrais de abastecimento, à exceção da pequena elevação na Ceasa/SC – São José (2,08%), principalmente na CeasaMinas – Belo Horizonte (-24,66%), Ceasa/ES – Vitória (-13,55%) e Ceasa/AC – Rio Branco (-15,13%), em decorrência da elevação da comercialização na Região Sul.

A elevação da oferta registrada nas Ceasas, a maior parte na casa dos dois dígitos, destacadamente no entreposto campineiro (37%) e goiano (39%), pode ser explicada pelo início da colheita da maçã gala e parte de sua estocagem nas câmaras frias catarinenses e gaúchas (recolhimento ainda lento, por causa do atraso da colheita), além da presença do restante da safra da maçã eva do Paraná e da safra em São Paulo, que caiu no mês em análise, mas nos meses anteriores esteve entre as principais regiões fornecedoras às Ceasas brasileiras.

Para fins de registro, a oferta catarinense aumentou 17,8% e a gaúcha, 128%.

A atual safra de maçã deverá ser maior em relação à safra anterior. Isso pode ser explicado pelo fato de o inverno do ano passado ter propiciado temperaturas baixas por um longo tempo às macieiras, resultando no bom acúmulo do número de horas-frio para as plantas, essenciais para qualidade e coloração das frutas.

No entanto, essas temperaturas mais baixas se estenderam também ao período de floração, o que acabou por atrasar a brotação e, assim, o início da colheita da variedade gala, fato que se repetirá com a maçã fuji.

Gráfico 17 — Preços médios (R\$/Kg) da maçã nos entrepostos selecionados.

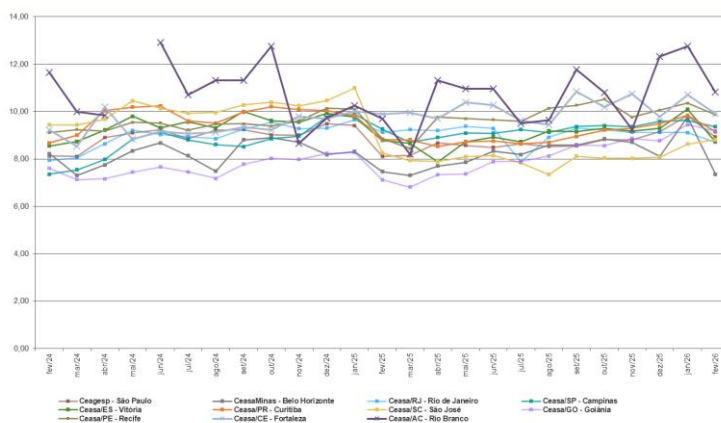


Gráfico 18 — Quantidade de maçã comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre fevereiro de 2025, janeiro de 2026 e fevereiro de 2026.

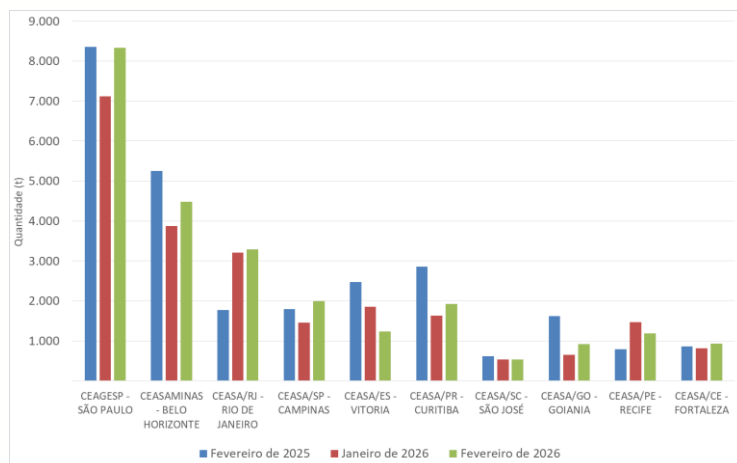


Figura 8— Principais microrregiões do país que forneceram maçã em fevereiro 2026.



Tabela 8 — Quantidade ofertada de maçã por unidade de federação, fevereiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
RS	8.908.026	VACARIA-RS	5.845.259
SC	8.725.300	JOAÇABA-SC	4.611.404
SP	3.296.984	CAMPOS DE LAGES-SC	4.122.288
PR	1.562.088	CAXIAS DO SUL-RS	3.516.774
NI	1.235.549	SÃO PAULO-SP	2.032.106
RJ	335.392	IMPORTADOS	1.235.549
BA	291.568	LAPA-PR	483.980
PE	190.834	OSASCO-SP	449.866
MG	163.156	RIO NEGRO-PR	447.164
GO	125.936	RIO DE JANEIRO-RJ	328.812
RN	42.984	CURITIBA-PR	296.708
PB	20.736	JUAZEIRO-BA	266.166
ES	5.400	ITAPECERICA DA SERRA-SP	261.810
CE	2.500	PORTO ALEGRE-RS	230.152
Soma	24.906.453	CAPÃO BONITO-SP	218.196
		JUNDIAÍ-SP	203.290
		PALMAS-PR	189.232
		CANOINHAS-SC	171.640
		POUSO ALEGRE-MG	161.248
		SUAPE-PE	151.240

Outra questão que surgiu nessa temporada: o tamanho de diversas maçãs deverá ser menor, em virtude das chuvas abaixo do esperado no período de enchimento. Isso será positivo para as vendas institucionais (escolas, por exemplo) e para as exportações (já que os países asiáticos apreciam maçãs mais miúdas), mas acarretará diminuição e a rentabilidade para as maçãs maiores.

Em relação à primeira quinzena do mês de março os preços, na sua maior parte, permaneceram estáveis ou caíram na maior parte das Ceasas, por causa do início da colheita da variedade gala na Região Sul. Essa realidade de mercado, num contexto em que a variedade fuji terá a colheita iniciada em março, contribuirá para que os preços permaneçam em menores níveis no primeiro semestre, pois a tendência histórica de preços no mercado de maçã sempre foi de queda com a colheita nos primeiros meses do ano na Região Sul.



MAMÃO

O mês de fevereiro apresentou queda de preços na média, principalmente na CeasaMinas – Belo Horizonte (-15,16%), Ceasa/SP – Campinas (-16,25%) e Ceasa/PR – Curitiba (-17,83%), e queda da comercialização na maior parte dos entrepostos atacadistas analisados (8% para o conjunto das praças analisadas), com destaque para as praças carioca e rio-branquense.

O motivo principal para esse cenário esteve relacionado ao efeito substituição entre a variedade papaya e formosa: mesmo com a oferta menor no mercado do primeiro, os preços caíram, em decorrência do maior volume de chuvas no último trimestre de 2025, que prejudicaram as floradas e reduziram a produtividade dos mamoeiros para frutas originárias principalmente do norte capixaba e do sul baiano (principais regiões produtoras).

Além desse fator, também contribuiu para a retenção do aumento de preços dessa variedade a concorrência com a variedade formosa, mais barata em relação ao papaya, que contribuiu para que os preços, no fechamento mensal, não subisse e até mesmo caísse em diversas localidades.

O formosa apresentou preços mais baixos e oferta mais elevada na primeira quinzena do mês, vindo a apresentar pequenos aumentos das cotações em algumas localidades na segunda quinzena. Já as duas principais regiões produtoras, o norte capixaba e o sul baiano, forneceram às Ceasas 12,5 mil e 10,2 mil toneladas, queda de 2,35% e 3,8% em relação ao mês anterior.

Gráfico 19 — Preços médios (R\$/Kg) do mamão nos entrepostos selecionados.

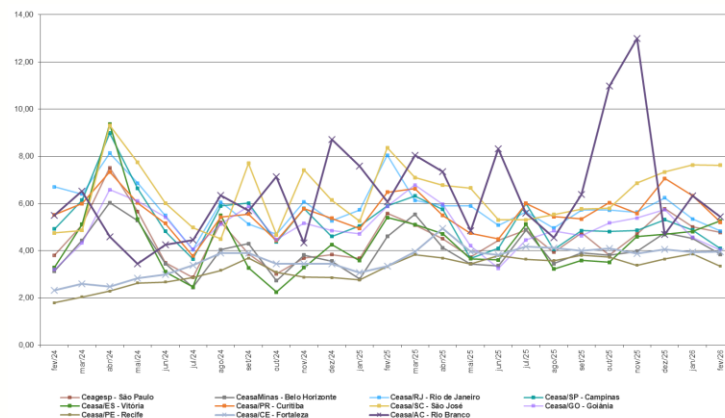


Gráfico 20 — Quantidade de mamão comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre fevereiro de 2025, janeiro de 2026 e fevereiro de 2026.

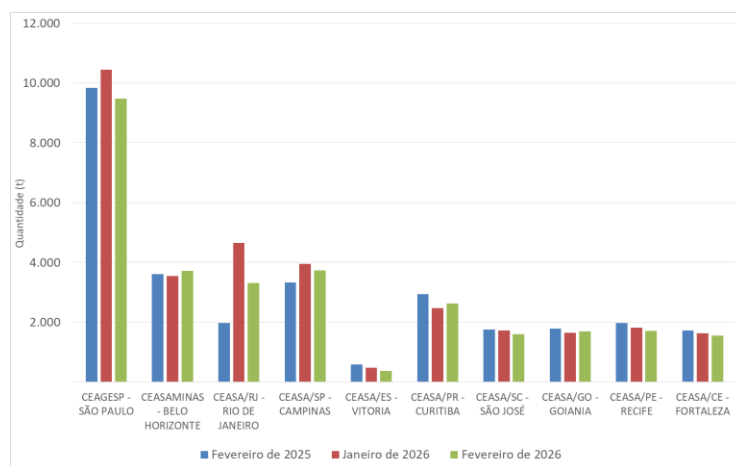


Figura 9 — Principais microrregiões do país que forneceram mamão em fevereiro de 2026.

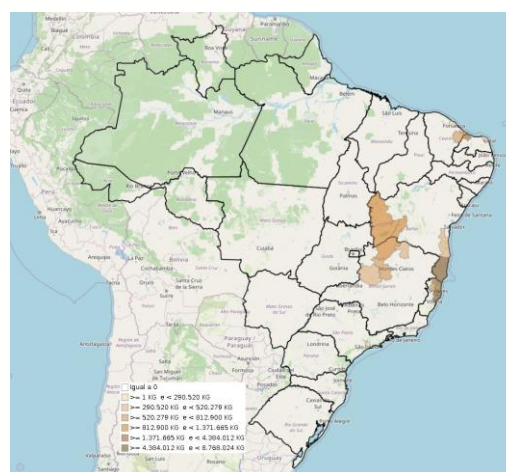


Tabela 9 — Quantidade ofertada de mamão por unidade de federação, fevereiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
BA	12.488.654	PORTO SEGURO-BA	8.768.023
ES	10.214.166	LINHARES-ES	5.894.918
RN	2.333.866	MONTANHA-ES	3.235.533
MG	2.186.118	MOSSORÓ-RN	1.645.783
CE	1.567.430	SÃO MATEUS-ES	1.371.665
SP	566.081	BARREIRAS-BA	1.306.265
PB	188.212	BOM JESUS DA LAPA-BA	1.033.504
PE	163.866	JANUÁRIA-MG	896.982
GO	79.648	SANTA MARIA DA VITÓRIA-BA	812.900
SC	14.400	PIRAPORA-MG	626.212
PR	13.050	NOVA VENÉCIA-ES	578.931
RJ	10.000	BAIXO JAGUARIBE-CE	528.300
AC	2.325	LITORAL DE ARACATI-CE	520.279
Soma	29.827.816	PARACATU-MG	406.478
		LITORAL SUL-RN	400.496
		JANAÚBA-MG	312.414
		ILHÉUS-ITABUNA-BA	290.520
		SÃO PAULO-SP	277.975
		FORTALEZA-CE	232.080
		LITORAL NORDESTE-RN	200.600

Em relação à primeira quinzena do mês de março, em meio a uma demanda estável, os preços subiram para o mamão formosa, na esteira da leve redução da oferta e da maior atratividade em relação ao papaya; já esse não apresentou tendência definida para os preços, em meio à oferta menor em relação ao formosa.

A continuar essa dinâmica, com a redução das chuvas, a tendência é que os preços das variedades se equiparem ainda mais no fechamento do mês de março, com a variedade formosa, provavelmente, tendo atingido seu pico nas cotações. De qualquer forma, com essa dinâmica, a rentabilidade positiva dos produtores no próximo bimestre estará assegurada.



MELANCIA

O movimento nas Centrais de Abastecimento analisadas foi de oscilação de preços, com pequena queda de 3,72% na média ponderada, e queda da oferta em todos os entrepostos atacadistas, à exemplo do descenso na CeasaMinas – Belo Horizonte (-19%), Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (-16%) e Ceasa/PR – Curitiba (-24%). A exceção foi a elevação na Ceasa/AC – Rio Branco (92%), por causa do aumento da oferta local.

As principais explicações para a queda da oferta foram a menor produção em diversas regiões: na Bahia houve baixa oferta na maior parte do mês (queda de 7% no fornecimento em relação a janeiro), estado em que a segunda parte da safra foi iniciada apenas a partir do último terço mensal (o que acabou por influenciar na queda das cotações no fim do mês).

As melancias apresentaram melhor qualidade devido ao clima adequado e ocorrência de chuvas pontuais, que favoreceram o desenvolvimento das frutas. Já em São Paulo, a colheita mais intensa da safrinha só ocorrerá em março, o que acabou por impactar negativamente a oferta nacional.

As poucas melancias desse estado apresentaram qualidade satisfatória, e essas características devem continuar durante toda a safra. Já o plantio da maior parte da melancia goiana (que continua com produção razoável, sendo a terceira maior região fornecedora para as Ceasas no mês, mesmo com queda de 13,2% em face de janeiro) foi prejudicado pelo alto volume de chuvas no estado, principalmente na região produtora de Ceres, um dos maiores espaços produtivos da fruta no país.

Gráfico 21 — Preços médios (R\$/Kg) da melancia nos entrepostos selecionados.

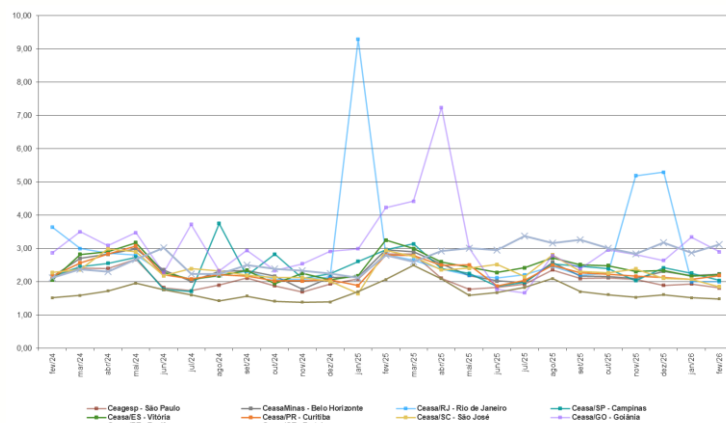


Gráfico 22 — Quantidade de melancia comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre fevereiro de 2025, janeiro de 2026 e fevereiro de 2026.

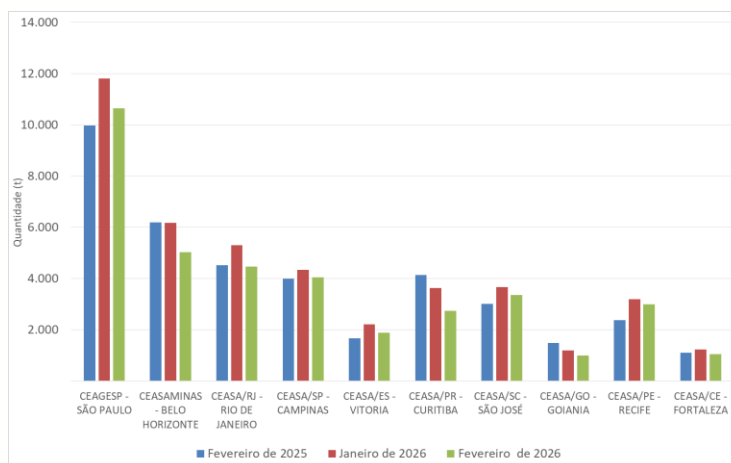


Figura 10 — Principais microrregiões do país que forneceram melancia em fevereiro de 2026.

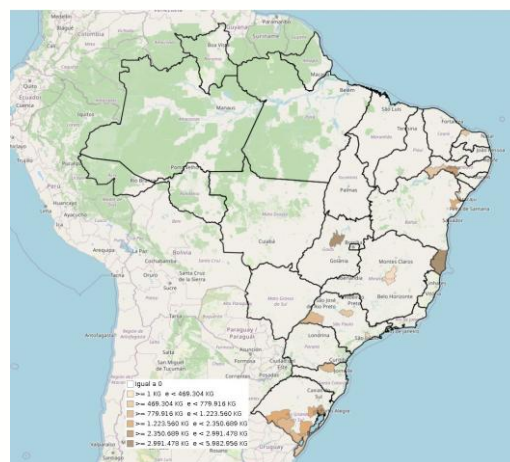


Tabela 10 — Quantidade ofertada de melancia por unidade de federação, fevereiro de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
RS	13.312.602	PORTO SEGURO-BA	5.982.955
BA	7.648.430	CERES-GO	5.411.764
GO	5.601.793	SERRAS DE SUDESTE-RS	3.718.845
PE	3.521.962	ITAPARICA-PE	2.757.447
SP	2.284.943	PORTO ALEGRE-RS	2.350.689
SC	1.224.590	CAMPANHA CENTRAL-RS	2.127.800
RN	803.827	SÃO JERÔNIMO-RS	1.918.595
TO	660.740	PELOTAS-RS	1.414.809
CE	647.740	ALAGOINHAS-BA	1.223.560
PR	566.221	PRESIDENTE PRUDENTE-SP	1.100.677
MG	418.400	JAGUARÃO-RS	943.554
SE	365.690	CANOINHAS-SC	900.315
ES	120.000	CAMPANHA MERIDIONAL-RS	779.916
MS	32.000	LITORAL LAGUNAR-RS	762.453
AC	27.000	MOSSORÓ-RN	640.858
RJ	24.420	PETROLINA-PE	510.135
RO	4.000	ARARAQUARA-SP	469.304
PB	2.000	SÃO PAULO-SP	433.086
NI	420	CURVELO-MG	375.000
Soma	37.266.778	TOBIAS BARRETO-SE	354.690

Em relação à produção no Rio Grande do Sul — principal região fornecedora às Ceasas nos últimos meses, responsável por 36% do volume total comercializado e com aumento de 48,4% no fornecimento em relação ao mês anterior —, as melancias apresentaram qualidade inferior e rentabilidade apenas mediana. Esse desempenho foi impactado pela elevação dos custos de produção, sobretudo devido ao calor intenso combinado com chuvas frequentes, que deixaram o solo excessivamente úmido e mais suscetível ao surgimento de doenças fúngicas, exigindo maior gasto com pulverizações.

No que se refere à primeira quinzena do mês de março, os preços apresentaram estabilidade ou elevação nas cotações na maioria das Ceasas, em meio à oferta mais controlada na Bahia (chuvas constantes que impactaram na produtividade), a queda da colheita gaúcha e o pequeno aumento de produção em São Paulo. No cômputo geral, a comercialização acabou diminuindo nos entrepostos atacadistas, em meio a uma demanda variável, a depender das regiões consumidoras.



EXPORTAÇÃO DE FRUTAS E HORTALIÇAS

Em fevereiro de 2026, o volume total enviado ao exterior foi de 218 mil de toneladas, alta de 1% em relação ao primeiro bimestre de 2025, e o faturamento foi de U\$S 237,7 milhões (FOB), superior 4,4% em relação ao mesmo mês de 2025. A temporada começou o ano com boas vendas, principalmente para a Europa e Ásia, para abacates, bananas e laranjas, mesmo com pequena queda bimestral para melões, limões, uvas e melancias, principalmente.

Banana: houve queda das exportações, em relação ao mês anterior, de 17,3%, e de 7,6% em face de fevereiro de 2025. Já no acumulado bimestral em relação ao bimestre anterior ocorreu elevação de 33,27%. Nesse ano, com a maior produção da variedade nanica, as exportações devem ser superiores em relação ao ano anterior, notadamente os encaminhamentos para o Mercosul.

Laranja: houve elevação das exportações de suco de 20,1% em relação ao mês anterior e de 34,4% em face de fevereiro de 2025. Já as vendas bimestrais apresentaram aumento de 3,5%. Isso aconteceu por causa do maior embarque para a Europa no mês, em meio a um longo processo de recuperação das vendas para o Velho Continente pelo qual passará o setor. Já as vendas para os EUA continuaram no mesmo ritmo, em meio aos problemas produtivos na Flórida, cujas temperaturas muito baixas devem comprometer a produção descendente do estado, e à produção insuficiente na Califórnia. Assim, mesmo com a maior demanda europeia pontual, a produção de suco não foi consumida e, dessa forma, foi estocada.

Gráfico 23 — Quantidade de banana exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026

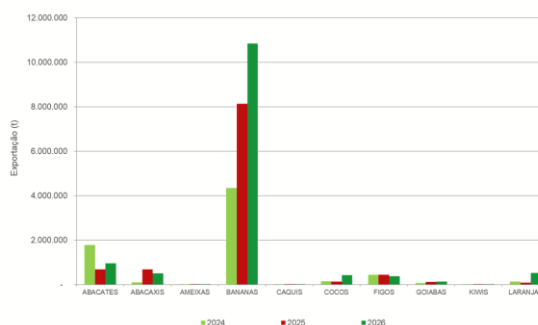


Gráfico 24 — Quantidade de banana exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026

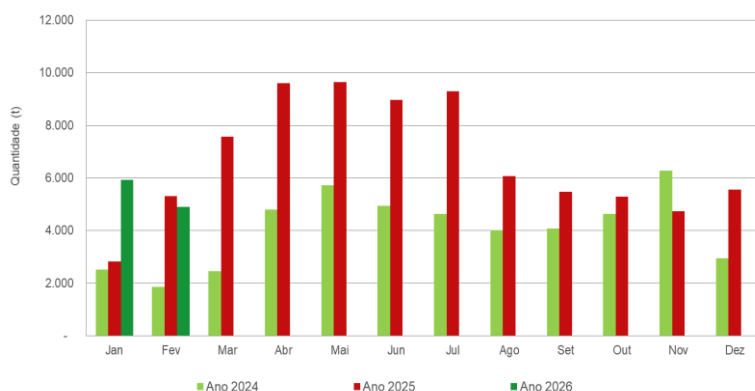
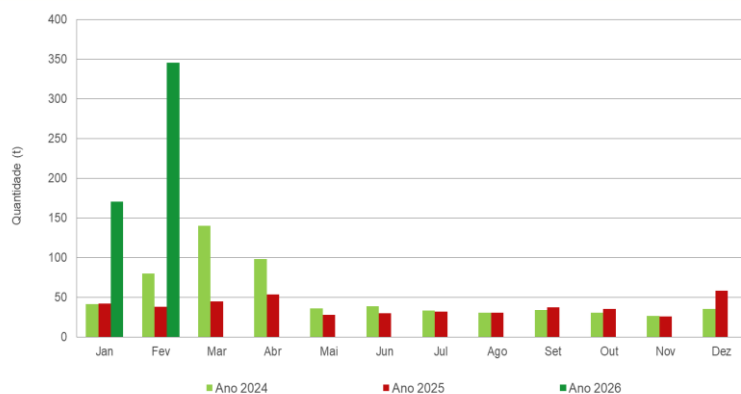


Gráfico 25 — Quantidade de laranja exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026



Maçã: As vendas externas em fevereiro de 2026, em relação ao mês anterior, foram 71,3% menores em relação a fevereiro de 2025 e iguais em face de janeiro de 2026. Já na somatória bimestral, as vendas foram 58,1% menores.

A temporada de exportações começará em março e deve atingir o pico entre abril e maio. Com o provável aumento da safra 2026/27, o volume exportado deve aumentar, principalmente para países europeus, asiáticos (Índia, Bangladesh) e Rússia. As importações das frutas comercializadas pelas Ceasas subiram 134%, fruto da maior demanda pelas maçãs graúdas sulamericanas e europeias.

Mamão: As vendas externas em fevereiro de 2026, em relação ao mês anterior, estiveram estáveis, e foram 13,1% maiores em face de fevereiro de 2025. Já na somatória bimestral, o aumento foi de 8,3%.

Com a produção de frutas de qualidade tanto pelas praças capixaba, baiana, potiguar e cearense, a tendência é que as exportações aumentem, especialmente para a União Europeia, principal comprador da fruta.

Melancia: As vendas externas em fevereiro de 2026 foram 31,5% maiores em relação ao mês anterior e 15,25% maiores em face de fevereiro de 2025. Já na somatória bimestral, a queda foi de 7%. A produção brasileira na temporada 2025/26 se mostrou positiva, principalmente das minimelancias potiguares e cearenses.

Em fevereiro os embarques subiram em relação ao mês anterior, evidenciando um resultado sólido em meio à proximidade da chegada do fim da temporada exportadora.

Gráfico 26 — Quantidade de maçã exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026

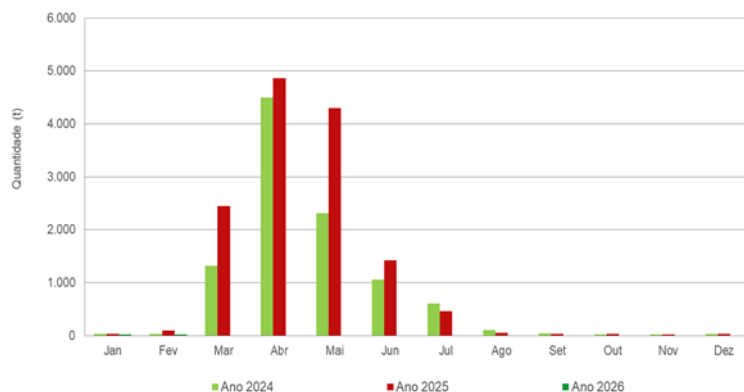


Gráfico 27 — Quantidade de mamão exportado pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026

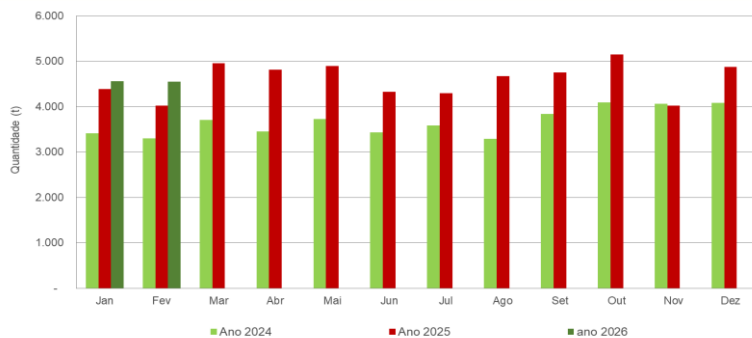
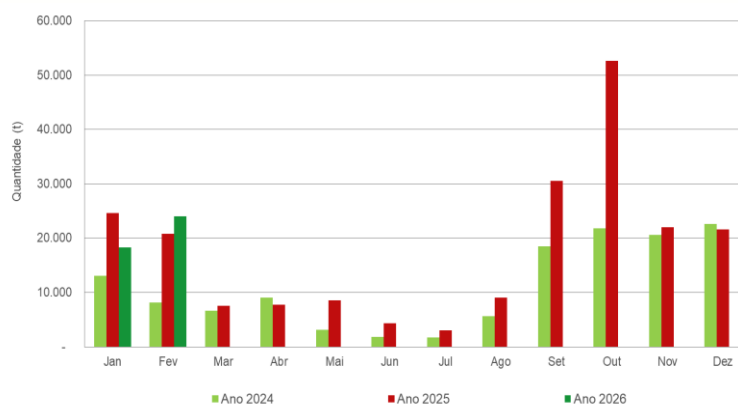


Gráfico 28 — Quantidade de melancia exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026

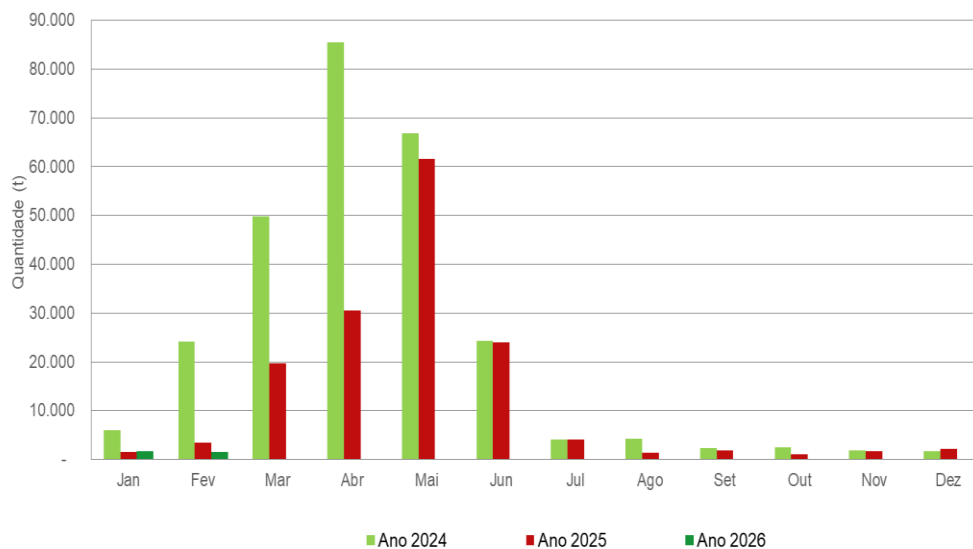


IMPORTAÇÃO DE HORTALIÇAS

ÇEBOLA

Continua bastante baixo o volume de importação de cebola, cenário que vem se repetindo desde julho de 2025. Foram importadas em fevereiro apenas 1.549 toneladas, representando queda de 8,0% em relação a janeiro. Os preços praticados no mercado interno não ofereceram margens atrativas para os importadores. Em fevereiro, como se verificou, os preços não tiveram variações significativas, o que os posicionou em baixos níveis, sendo impeditivo para maiores entradas da cebola importada. Para março, é possível que haja maiores oportunidades para as importações de cebola. É esperado alguma recuperação dos preços internos, o que pode viabilizar as importações. Também deve-se frisar que a cebola nacional, notadamente a catarinense, se recinta da armazenagem, o que prejudica a qualidade e pode ser fator de atração para as importações.

Gráfico 28 — Quantidade de cebola importada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026





CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DA CADEIA DO FRIO EM FRUTAS E HORTALIÇAS (PARTE II)



Fonte: foto agribrasilis.com

Na primeira parte deste artigo, abordamos as diversas vantagens do uso da cadeia do frio em benefício de produtores, comerciantes e consumidores, que vão desde ganhos econômicos e maior segurança alimentar até aspectos relacionados à proteção ambiental.

Também destacamos a importância das Centrais de Abastecimento como agentes estratégicos na indução do uso da cadeia do frio como instrumento de garantia da qualidade dos alimentos. Ressaltamos que os entrepostos figuram entre os principais locais de comercialização de hortigranjeiros e que ainda há amplo espaço para avançar na adoção desse processo por comerciantes e produtores.

Nessa segunda parte, adotaremos uma abordagem mais prática, apresentando informações essenciais para a elaboração de um projeto inicial voltado ao uso do frio em frutas e hortaliças.

Começaremos pela análise do primeiro passo — um dos mais importantes de todo o processo —: a instalação de câmaras frias, preferencialmente nas propriedades rurais, onde seu uso é mais indicado. Quando isso não for viável, a alternativa é implementá-las nos locais de comercialização, como as Ceasas.

PASSOS INICIAIS PARA A TOMADA DE DECISÃO

Para a tomada de decisão sobre investimentos nessas estruturas e equipamentos é importante, antes mesmo até do projeto inicial, fazer alguns levantamentos e questionamentos mínimos, como os sugeridos a seguir:

- Qual é o tamanho da câmara fria (ou o volume total pretendido) que preciso, e qual o tamanho do espaço disponível em meu empreendimento para instalá-la(s)?
- Quais frutas/hortaliças mais importantes que comercializo e quais as temperaturas mínimas/máximas exigidas recomendadas para esses produtos?
- Qual é a disponibilidade de energia (quanto de KW:110V, 220V/380V), a rede é monofásica ou trifásica)?
- A área tem acesso à internet estável para a instalação dos equipamentos de refrigeração? Quais os meios de conectividade (fibra, rádio, celular) para monitoramento remoto?
- Você já possui algum equipamento existente (sensores, controlador, geradores) que possa integrar?
- Outro passo muito importante: qual é o seu orçamento inicial aproximado? Isso cobre meus custos? Permitirá uma expansão futura?

De posse das respostas às perguntas acima, outras providências poderão ajudar para a formar a decisão sobre a contratação do investimento:

- Liste requisitos obrigatórios (ex.: alarme 24/7, backup de energia, compatibilidade com sensores de umidade).
- Solicite cotações de pelo menos 3 fornecedores locais com experiência em agricultura familiar.
- Peça propostas com descritivo técnico, cronograma, garantias e serviço de manutenção.
- Verifique disponibilidade de treinamento para a equipe local.

RELAÇÃO DE CUSTOS – CONSTRUINDO CENÁRIOS

1) Defina o escopo físico da instalação:

- Área e volume da câmara fria (m² e m³) e altura útil.
- Número de câmaras necessárias (se aplicável) e localização (armazém existente ou nova construção).
- Tipo de fruta/hortaliça predominante (estimativas de temperatura de guarda: por exemplo, pêssego, tomate, cenoura, etc.).

2) Estabeleça requisitos térmicos e de conservação:

- Faixas de temperatura específicas por produto (0–4 °C, 2–8 °C, etc.).
- Umidade relativa desejada e necessidade de controle de oxigênio/CO2 se aplicável.
- Nível de redundância desejado (monitoramento 24/7, alarme, backup de energia).

3) Avalie a infraestrutura disponível**

- Fonte de energia (3 fases vs. monofásica, disponibilidade de energia elétrica estável, necessidade de gerador ou UPS).
- Espaço físico, ventilação, proteção contra queimaduras de energia.
- Acesso à internet (vital para câmeras/sensores conectados) e opções de rede (Wi-Fi, Ethernet, PoE).

4) Defina cenários de investimento realistas**

- Cenário A (Básico): pequena operação, uma ou duas câmaras, sensores mínimos, instalação simples.
- Cenário B (Médio): maior capacidade, redundância de monitoramento, alarme remoto, controle de temperatura com redundância.
- Cenário C (Avançado): expansão futura, integração com sistemas de gestão/ERP, automação básica, conformidade com normas.

5) Ajuste de itens e preços às suas condições**

- Construa faixas de preço com base em fornecedores locais; ajuste para itens com entrega na sua região.
- Considere custos de instalação e mão de obra conforme a complexidade (cablagem, proteção elétrica, teto, piso).
- Inclua custos de energia estimados (consumo anual de sensores, câmeras, software, licenças).

6) Crie critérios de compatibilidade e seleção de fornecedores:

- Compatibilidade entre sensores, controlador de temperatura e software.
- Suporte técnico local, disponibilidade de peças, garantia e SLA.
- Requisitos de treinamento para a equipe rural.

7) Valide com propostas reais:

- Peça cotações de pelo menos 3 fornecedores com especificação técnica clara.
- Solicite cronograma, itens entregues, garantias, serviço de instalação e manutenção.

8) Construa a planilha com dados reais:

- Preencha: área, volume, tipo de produto, disponibilidade de energia, custo estimado por item, quantidade, unidade, observações.
- Defina cenários com base nas informações preenchidas e gere totais para cada cenário.
- Adicione contingência (5–15%) conforme risco de mercado local.

SUGESTÕES DE PREÇOS EM AMPLA PESQUISA

A seguir adicionamos sugestões de preços para equipamentos minimamente necessários para a climatização de espaços físicos. A pesquisa foi realizada em meios digitais e mídias disponíveis.

Não inclui a realização de obras, pinturas e tintas especiais e coberturas indicadas para aplicação em paredes, cuidados de vedação, entre outros. Tais providências variam muito de região para região, escalas de contratação, etc., inviabilizando sugestões orçamentárias eficientes.

Proposta de cenários simples (faixas para projetos de Agricultura Familiar).

- Cenário A — Básico (pequena produção, mão de obra local):

Câmara + sensores simples + instalação inicial sem obras civis:

Valor estimado: R\$ 5.000,00 a R\$ 12.000,00

- Inclui: 1-2 câmeras, 4 sensores, instalação, configuração básica.

- Cenário B — Médio (variedade de itens, controle de temperatura com redundância):

- Câmeras + sistema de monitoramento + controlador de temperatura

- Valor estimado: R\$ 12.000,00 a R\$ 28.000,00

- Inclui: 2-4 câmeras, sensores múltiplos, alarme remoto, software básico.

- Cenário C — Avançado (expansão futura, conformidade com regulações):

- Câmeras industriais + gestão de cadeia de frio + automação simples

- Faixa estimada: 25.000 a 60.000 BRL

- Inclui: várias câmeras, sensores distribuídos, redundância, integração com ERP simples.

ESTIMATIVAS DE CUSTOS E ESTRUTURAS POR PORTE DE PRODUTOR NO USO DO FRIO



Fonte: foto Friocom Refrigeração e Instalações industriais

- 1) Pequeno Produtor (Agricultura Familiar): Foca em câmaras frias modulares de pequeno porte (resfriados), containers refrigerados reutilizados ou câmaras de alvenaria com unidades condensadoras compactas.
 - Investimento Estimado: Câmaras modulares pequenas podem variar entre R\$ 40.000,00 e R\$ 80.000,00.
 - Tecnologias: Uso de pré-resfriamento forçado simples, embalagens adequadas e melhoria no manuseio.
 - Financiamento: Acesso ao PRONAF (Plano Safra 25/26 com R\$ 89 bilhões para agricultura familiar).

- 2) Médio Produtor: Investe em estruturas de médio porte, como Packing Houses de médio porte, câmaras frias estruturadas (painéis isotérmicos) e transporte refrigerado próprio ou terceirizado.
 - Investimento Estimado: Câmaras de médio porte variam de R\$ 80.000 e em Instalações mais completas, podem passar de R\$ 100.000.
 - Tecnologias: Resfriamento rápido, classificação automatizada, controle de atmosfera e logística fria.

- 3) Grande Produtor/Exportador: Exige alta tecnologia, grandes Packing Houses com climatização total, túneis de congelamento rápido (IQF), rastreamento e logística de frio de ponta a ponta.
 - Investimento Estimado: Custo inicial elevado, podendo passar de R\$ 10 milhões para facilidades de grande porte.
 - Tecnologias: Atmosfera controlada, automação total pós-colheita, monitoramento de temperatura em tempo real.

CONCLUSÃO

Todos os estudos e abordagens realizados sobre o uso da cadeia do frio apontam, incontestavelmente, para as vantagens da adoção do processo. No entanto, como já salientado na primeira parte desse artigo, publicado pela Conab na edição de fevereiro do Boletim Prohort, é essencial fazer uma análise criteriosa das opções disponíveis e das possíveis formas de aplicação.

É essencial realizar uma análise detalhada do custo-benefício, considerando as particularidades do seu negócio, nichos de mercado, distâncias percorridas por suas cargas conjugadas com a logística e estruturas de distribuição.

Outras possibilidades de manutenção da qualidade dos produtos hortigranjeiros nas etapas de comercialização, podem ser uma solução mais econômica, como a possibilidade de manter os produtos em locais frescos e sombreados, embalagens adequadas que permitam a respiração e a manutenção de menor temperatura por mais tempo, manuseio correto, entre outras, podem ser soluções, desde que tenham a comercialização rápida. Porém, sabemos que isso nem sempre é possível.

Alternativas comunitárias (uso conjunto), de equipamentos como as câmaras frias comunitárias, veículos de transporte refrigerados, packing houses compartilhados e outros, também podem facilitar e diminuir dispêndios financeiros.

Fontes de recursos como o BNDES, Banco do Brasil, linhas do Plano Safra para agricultores familiares, como o Pronaf e Pronamp, linhas para comerciantes de pequeno e médio portes, apoio de instituições como Conab, Sebrae, Emater, Embrapa, institutos e instituições acadêmicas, entre outras, podem ajudar no processo de decisão de investimentos para a instituição da cadeia do frio ao longo das etapas de pós-colheita e de comercialização.

Por final, as Centrais de Abastecimento, por significarem o principal encontro da produção, produtores e comercializadores de alimentos frescos, representam o local ideal para a proposição de alternativas para evolução contínua dos processos de comercialização e da qualidade e segurança dos alimentos.

ISBN 977-244658604-2



APOIO



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO